

Da universalidade das religiões universais.

Há dois tipos de mensagem: mensagens com endereço certo, e as dirigidas a "todo mundo e ninguém". Exemplo do primeiro tipo é carta, do segundo programa televisionado. O primeiro tipo é dialógico: exige resposta. O segundo é discursivo: quer ser aceito. O receptor da mensagem pode constatar, pelo suporte da mensagem, (pelo "medium"), de que tipo se trata: o correio tem estrutura dialógica, a TV estrutura discursiva. Ao receber carta, o receptor sabe que a mensagem exige dele atitude "responsável". Ao receber programa televisionado, sabe que a atitude "responsável" não está no programa. O primeiro tipo de mensagem pode ser chamado "privado", "secreto", "inviolável", (segredo postal), e o segundo tipo pode ser chamado "público", "político", "católico", (TV acessível para todos). O que caracteriza o primeiro tipo de mensagem é sua "particularidade", e o segundo tipo é caracterizado por sua "universalidade".

Mas estes dois tipos de mensagem são raramente tão nítidos como no caso da TV e do correio. A maioria das mensagens é de tipo híbrido, exemplificado no Novo Testamento. Contém ele cartas com endereço certo, portadoras portanto de mensagem, (de "boa nova"), secreta. No entanto, simultaneamente, tal mensagem se quer também "reveladora", e neste sentido está dirigida a todos. O carácter escotérico e exotérico de tal mensagem se sobrepõe um sobre o outro. E o que vale para o Novo Testamento, vale para todas as religiões universais: são, todas elas, simultaneamente escotéricas e exotéricas, privadas e públicas, secretas e reveladoras. Por certo: algumas religiões, como o Islam, parecem salientar o seu aspecto político, e outras, como o Zen budismo, seu aspecto secreto. Não obstante, a mensagem de toda religião é falseada, se dela retirarmos um desses dois aspectos.

Para o receptor da mensagem religiosa, a dificuldade da sua hibridez está na ambiguidade do seu suporte. O medium dessas mensagens é geralmente texto que não é, nitidamente, nem dialógico, (como o é o correio), nem discursivo, (como o é a TV). O receptor está em dúvida como receber a mensagem: em atitude responsável, ou em atitude submissa. Está em dúvida se a mensagem exige dele reação dialógica, ou aceitação obediente. Chamemos a primeira atitude a "mística", a segunda a "ortodoxa".

No caso da TV não há dúvida: sua mensagem exige ortodoxia. Consiste ela na transmissão de modelos. Modelos de conhecimento: "Assim é a guerra em Guatemala". Modelos de vivência: "Ouça este blues". Modelos de comportamento: "Lave-te com esta marca de sabonete". Modelos de serem aceitos ou recusados. A mensagem do judaísmo, por exemplo, pode ser recebida na mesma atitude. Consistirá então igualmente na transmissão de modelos. Modelos de conhecimento: "Deus criou o mundo em seis dias". Modelos de vivência: "Ouça, Israel". Modelos de comportamento: "Não matares". Mas quem receber a mensagem judaica em tal atitude ortodoxa, perderá um aspecto essencial da mensagem, a ponto de podermos afirmar que tal tipo de recepção falseia a mensagem.

No caso da carta tão pouco há dúvida: sua mensagem exige "misticismo". Os modelos transmitidos por carta de amor, (vou bem, como vai você?), exigem deciframento intuitivo. Não dizem o que parecem dizer, mas dizem mensagem amorosa secreta. Exigem empatia responsável. A mensagem do judaísmo pode ser recebida na mesma atitude. Como se a Bíblia fosse carta amorosa dirigida por Deus diretamente a mim. Mas quem receber a mensagem em tal atitude mística, perderá um aspecto essencial do judaísmo, falseará a mensagem.

A dúvida entre ortodoxia e misticismo é "formal", e nada têm a ver com dúvida religiosa. Ter fé é ter confiança no emissor da mensagem. Se não creio na honestidade da TV, recusarei seus modelos, mas não obstante saberei que está transmitindo modelos: serei ortodoxo. Se não creio no amor do remetente da carta, recusarei responsabilidade por sua mensagem, mas não obstante intuirei a sua mentira: serei "místico", decifrador da mensagem. De maneira que a dúvida entre ortodoxia e misticismo afflige todos os receptores das mensagens religiosas, sejam ou não crentes. Creia eu ou não em Deus, a dúvida quanto à maneira de eu receber a mensagem judaica é a mesma.

A pretensa universalidade das religiões é problema de tal dúvida "formal", e, até recentemente, o problema era visto como aporia. Os modelos religiosos, sob recepção ortodoxa da mensagem, se querem "universalmente válidos", e é esta a universalidade da mensagem. Se tais modelos são decifrados, intuídos individualmente, privatizados, tal universalidade se evapora. Ortodoxia e misticismo se excluem mutuamente, porque modelos decifrados perdem sua validade universal, são "modelos abertos". Atualmente, no entanto, o problema da universalidade se põe de forma radicalmente diferente. Não mais a dimensão pública, exotérica, das mensagens religiosas é tida por universal, mas universal passa a ser sua dimensão esotérica, privada.

A atual revolução das comunicações tornou globais, simultâneas e seletivas todas as mensagens discursivas. Antes da revolução, as religiões irradiavam sua mensagem sobre terrenos relativamente bem delimitados: o cristianismo sobre o Ocidente, o budismo sobre o Oriente Extremo. Todo terreno era um "universo", e os modelos eram válidos em tal universo. Nas fronteiras entre os terrenos, (na fronteira entre o cristianismo e o Islam, entre o Islam e o hinduismo), lutavam modelos "verdadeiros" e "falsos", e esperava-se pela vitória dos "verdadeiros". Atualmente os modelos budistas podem ser recebidos na Califórnia e no Brasil, como no Japão e no Tibet, podem ser ligados e desligados, e podem ser comparados com outros modelos. O mundo tornou-se "católico": quod semper, quod ubique, quod ab omnibus vai sendo recebido, é a possibilidade da comparação de vários modelos religiosos.

Pois tal nova catholicidade vai revelando toda ortodoxia como particularismo e como sectarismo. As religiões enquanto mensagens públicas são reveladas partidárias e contestadas. E isto não "especulativamente", por teólogos e críticos das religiões, mas concretamente por toda pessoa que participe do processo global comunicativo. A pretensão das religiões quanto à validade universal dos seus modelos tornou-se insustentável.

Nas comparações entre os vários modelos religiosos permite ver um fundo comum a todos. Fundo "universalmente humano". Tal descoberta de fundo universal vai sendo feita em vários campos, e não apenas no religioso. Todo particularismo humano, todo "individualismo", vai se revelando epifenômeno de um substrato universalmente humano. Os "eus" individuais, as culturas diferentes, as estruturas sociais diferentes, vão se revelando fenômenos que surgem de camadas comuns inarticuladas, para nelas se dissolverem novamente. E tais camadas estão presentes e atuantes no íntimo de cada um, e o sustentam. Pois a mensagem religiosa, se recebida "misticamente", se dirige precisamente a tal fundo universalmente humano, e é precisamente esta a universalidade de todas as mensagens religiosas, secretamente escondida por detrás da particularidade dos seus modelos.

São pois as mensagens secretas, dialógicas, esotéricas, das religiões que se apresentam como universais atualmente. As suas mensagens privadas. Não mais podemos distinguir nitidamente entre misticismo católico, protestante, judeu, islâmico, hinduista, budista: todos eles formam um único misticismo. Kabbala, sufismo, yoga, Zen, se confundem. Por certo: surgem no contexto de determinada religião, mas extravasam seu contexto, porque tocam o fundo universal em cada um de nós, aonde quer que estejamos. Não a religião como coisa pública, mas a religião como coisa privada, é universal atualmente.

A confusão entre o espaço público e o espaço privado caracteriza a revolução das comunicações ora em curso. As mensagens públicas da TV se privatizam na tela, e as mensagens privadas exigem sistemas públicos como a rede telefônica e o correio. O público se privatiza, o privado se politiza. Mas tal confusão, tal irrupção do político no privado, e do privado no público, vai assumindo, no caso da religião, aspectos existenciais insuspeitados pelas gerações precedentes. Os nossos pais acreditavam terem "superado" o problema religioso. Enquanto mensagem pública, as religiões se contestavam mutuamente, o que sugeria sua pouca fiabilidade. E enquanto mensagens privadas, eram ambíguas a ponto de carecerem sentido. Parecia pois que tinha chegado o momento de dar as costas a tudo isto, e de interessar-se por mensagens mais fiáveis e menos ambíguas, como o são as da ciência exata. Os nossos pais menosprezavam o fundo inarticulado, sobre o qual assentamos, e para o qual continua válida a mensagem religiosa, como o era desde Lascaux, e como o será no futuro. Menosprezavam tal fundo, porque ignoravam a universalidade insuperável do privado.

Nossa geração não mais consegue distinguir entre o público e o privado. Volta a ser religiosa, em sentido novo. Impossível a ser reconhecido como tal pelas religiões estabelecidas. Porque não é religiosidade nem ortodoxa, nem eclectica, nem fundamentalista, nem religiosidade mística no significado tradicional do termo. É religiosidade que nasce da tentativa de assumirmos a responsabilidade pelo fundo inarticulado universal, para o qual se dirigem as mensagens religiosas. Atitude de "techuva", segundo o judaísmo. Atitude religiosa nova, e simultaneamente tão antiga quanto o é a humanidade. Universalidade.